

A PANDEMIA, A VELHICE E A VACINA:

UMA METÁFORA DO RENASCER

Marcos Uzel¹

A emoção de ter visto nos noticiários televisivos as imagens de pessoas idosas se vacinando contra a covid-19, em meio às tensões da pandemia e no desenrolar de angustiantes meses de distanciamento social, nos leva a refletir sobre a ideia de renascimento como uma metáfora que se coloca de frente para os limites do tempo. Em janeiro de 2021, homens e mulheres representantes de uma parcela da população tão vulnerável a essa grave doença começaram a receber no Brasil uma injeção de vitalidade. A reação de alívio demonstrada por cada idoso flagrado pelas câmeras de tevê, enquanto recebia a dose da vacina, pareceu anunciar que as sensações de estar vivo se renovaram. Aquele líquido adentrando corpos impregnados por marcas tão latentes do avançar dos anos significou um revigoramento, um sentido de alegria de viver, um ressurgir.

Renascar na velhice não deixa de ser uma forma de se impor com autoestima diante de preconceitos históricos. Envelhecer ainda é um estigma. Alteram-se as idades e, conseqüentemente, modificam-se as posições do corpo na hierarquia dos dispositivos de exclusão social. Nessa pirâmide, o idoso ocupa posição desconfortável com o desenho concreto e o significado de sua aparência na anatomia humana. A condição de estar velho se reflete na ideia de um passado defasado, de um presente improdutivo (doenças, dependência, senilidade, degeneração estética, fim do primado da genitalidade) e de um futuro curto e ameaçador (última etapa da vida). Nas sociedades contemporâneas que privilegiam homens e mulheres saudáveis, dinâmicos e sexualizados, chegar nesse estágio provoca incômodo.

Numa reportagem de Monique Frazão, publicada em maio de 2020 pela revista *Radis*, da Fundação Oswaldo Cruz, a professora Anita Neri, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, observa como o contexto da pandemia elevou o que ela define como surto de etarismo, uma forma de designar a intolerância

¹ Professor dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Cinema e Audiovisual da Unijorge. Jornalista, escritor e professor com pós-doutorado em artes cênicas e doutorado/mestrado em cultura e sociedade pela Universidade Federal da Bahia.

contra as pessoas velhas. A docente sublinha a visão preconceituosa e a falta de empatia de muitos ao enfatizar como foi acentuada “a culpabilização dos idosos por estarem onerando o sistema de saúde e desviando recursos que melhor caberiam ao atendimento dos mais jovens que produzem riqueza, ao invés dos velhos, que são inativos.” E completa: “Isso não é novo, mas está aflorando com toda a força nesse momento”. (NERI *apud* FRAZÃO, 2020, online)

A velhice também é uma categoria socialmente construída, fruto da relação dialética de um ser para o outro e da consciência que esse ser toma de si mesmo através desse outro, dentro de uma realidade na qual existir significa se temporalizar (BEAUVOIR, 1970). Ainda é comum a expressão “no meu tempo”, usada por pessoas idosas quando se referem a uma fase produtiva da vida, plena em atividades e projetos, mas fixada no passado. Para elas, é como se, no presente, “meu tempo” simplesmente deixasse de existir. Sua heterogeneidade se instala pelas variantes do estar velho (grupos de idade, classe social, escolaridade, personalidade, história de vida, religião etc).

Dentre as características apontadas por Debert (2006) em pesquisas sobre a velhice, duas chamam atenção: o tema se transforma em problema social nas sociedades ocidentais contemporâneas, sobretudo, em função da sobrecarga financeira que o aumento da população acima dos 60 anos gera para as famílias, as empresas e o Estado²; além disso, existe o fato de processos biológicos universais (nascer, crescer e morrer) servirem de referência para elaborações simbólicas de categorias culturalmente produzidas, definindo fronteiras entre as idades. Também influenciam na produção e no controle dessas categorias o florescimento da economia baseada no mercado de trabalho e a intervenção do Estado com suas questões políticas, jurídicas e seus ordenamentos de direitos/deveres do cidadão, de inclusão/exclusão social dos sujeitos no curso entre o nascimento e a morte (etapas de escolarização, condição etária para trabalhar, votar e tirar carteira de motorista, fase do alistamento militar, maioridade legal e penal, direito à aposentadoria etc).

Isso significa que, ao fato natural de o ser humano cumprir um ciclo biológico da vida, deve-se somar fatores sociais, históricos e culturais que atribuem significados

² Conforme a Lei 8.842/94, regulamentada no Brasil em 04 de janeiro de 1994, o indivíduo é considerado idoso quando completa 60 anos. No entanto, existe uma literatura geriátrica que limita em 65 anos o início da fase idosa. (MARQUES, 2004).

específicos a cada etapa de sua existência no mundo e proporcionam formas diferenciadas de compreensão e vivência do estar velho. Simone de Beauvoir sintetiza bem como essas formas distintas são definidas por processos e práticas discursivas que ganham sentido na cultura, sobretudo em sociedades onde o indivíduo só se torna visível na medida em que se mostra um ser produtivo:

A sociedade pré-fabrica a mísera e mutilada condição que lhes há de caber na idade final. É por sua culpa que a decadência senil começa prematuramente, que é rápida, fisicamente dolorosa e moralmente hedionda, pois chegam a ela de mãos vazias (...). A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização. O homem todo terá de ser refeito e recriadas todas as relações entre os indivíduos se pretendermos tornar aceitável a condição do velho. (..) Se a cultura não fosse um saber inerte, adquirido de uma vez por todas para ser, logo em seguida, esquecido, se fosse, pelo contrário, prática e viva, e se o indivíduo com seu auxílio pudesse agir sobre seu ambiente, de uma maneira que se iria realizando e renovando no decorrer dos anos, ele poderia ser em todas as idades, um cidadão ativo e útil (BEAUVOIR, 1970, p. 301-302).

Dentro do processo irreversível da ação do tempo na existência humana, o envelhecimento está socialmente condicionado a um arsenal de rejeições, deformações e resistências, em contraposição ao imaginário confortável da juventude. Enquanto a infância é marcada pela falta de autonomia, a adolescência representa a via de transição entre a dependência (fase da formação) e a condição adulta (fase da produtividade). Na maioridade social, tornar-se adulto deve corresponder à expectativa da etapa dos compromissos com o trabalho, do casamento, dos filhos, das obrigações familiares, da vida independente.

Já na velhice, a independência passa a sofrer as consequências das limitações da idade, do processo de involução do organismo. É o momento em que o ciclo da vida adulta é reestruturado pelo caráter simbólico da aposentadoria, que comunica à sociedade a saída de cena do trabalho, a perda da produtividade, a hora do repouso do indivíduo “sem futuro”, cujo isolamento e fragilidade dificultam muito a luta contra a exclusão, ao contrário do que acontece com outros grupos oprimidos: “A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele” (BOSI, 1994, p. 81).

Como sublinha Messy (1999, p. 17), “nossa sociedade reserva à juventude o benefício e à velhice o déficit”. Aproximar-se do déficit significa se deparar com a certeza

da mortalidade. Eis um dos grandes temores humanos. Numa pandemia como a do novo coronavírus, em que os idosos se veem obrigados ao recolhimento por se situarem entre os principais grupos de risco, o medo se instala e a vacina torna-se a grande esperança de reflorescer diante da vida.

O envelhecimento não é uma questão que diz respeito somente aos idosos, mas a todos nós. Não adianta tentar escapar das ameaças do tempo ou achar que o velho é sempre o outro: “Para os que não querem se entregar, ser velho significa lutar contra a velhice. E aí está a dura novidade de sua condição: já não basta deixar-se viver” (BEAUVOIR, 1970, p. 30). Na vida contemporânea, isso resulta num enfrentamento das ações do tempo no corpo com práticas radicais de submissão aos mitos da beleza, aos padrões estéticos hegemônicos, ao controle embutido na criação de modelos de aparência, ao código de condutas a ser seguido para escapar da exclusão. Em particular, de culto à ideologia do rejuvenescimento, que implica até mesmo em risco de morte.

A ambição/conflito de tentar retardar ao máximo um processo inerente ao ciclo vital de todo ser humano está nas páginas do romance *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde (1997). Para o autor, a tragédia da velhice não está no ficar velho, mas na insistência em permanecer jovem. No enredo de Wilde (1997), a beleza estonteante de Dorian Gray é transformada em obra de arte pelo pintor Basil Hallward, que eterniza a juventude do personagem ao pintar o seu retrato. Apaixonado pela própria imagem, o modelo se desespera ao tomar consciência da efemeridade daquela fase de sua existência e passa a viver aprisionado pela obsessão de manter-se eternamente jovem e belo, como no quadro.

O desejo é misteriosamente atendido, mas sua face na tela envelhece. Ao invés de conservar a imagem original pintada por Hallward, o retrato assimila a carga das paixões, dos pecados e das dores de Dorian Gray. As linhas do sofrimento da mente atordoada do personagem refletem, na pintura, o seu estado real de degeneração (WILDE, 1997). A constatação do autor de como é trágica a queda de braços que as pessoas estabelecem entre a juventude e a velhice se afina com um depoimento da atriz Fernanda Montenegro, publicado na biografia *Fernanda Montenegro em O Exercício da Paixão*, de Lúcia Rito:

Claro que eu me importo ao ver que os olhos estão embaçando, que está sobrando pele nos olhos, pelanca no pescoço. O cabelo já não é tão farto como

aos 30 anos. Mas é a minha vida. E eu tenho muito medo de perder a minha vida. Não sei o que as famosas puxadinhas poderão fazer de mim. Posso virar uma mulher sem idade e isso é um horror. É muito bonito para quem tem um determinado tipo de temperamento. Uma mulher de sociedade, por exemplo, que vive para se exibir, até mesmo para o marido galgar certos postos. Mas de certa forma ela acaba se transformando num ícone. Eu me pergunto: e os joelhos? E os tornozelos? E a artrose, que se apresenta muito mais cedo do que a gente confessa? A nossa cultura incorporou a operação plástica. Você estará fora do contexto sem uma plástica. Por mais que você use lentes ou óculos, vai começando a ter uma certa curva na nuca. É uma realidade. Então, o que eu procuro é me pôr de pé. Tenho profunda vaidade de ter minha espinha no lugar. (MONTENEGRO apud RITO, 1990, p. 151-152)

Por que a proximidade natural do fim não pode ser também um momento de plenitude e de recomeço, mesmo diante das limitações do corpo? Não vivemos na atualidade de um mundo em que a vida dos idosos é cada vez mais longa, com um número crescente de homens e mulheres centenários, inclusive no Brasil?³ Não deixamos de ser um “país de jovens”, como éramos na metade do século 20? Não se trata do mesmo mundo em que o percurso de tantos jovens é interrompido precocemente pelos efeitos da violência e das fatalidades cotidianas? São questões que deveriam ser pensadas e fortalecidas nesse contexto de renascimento proporcionado aos idosos com a chegada da vacina contra a covid-19.

Uma situação apresentada no filme *Copacabana* (2001), de Carla Camurati, reflete muito bem sobre isso: os dois porteiros do prédio onde mora o personagem Alberto (Marco Nanini), um senhor às vésperas de completar 90 anos, os dois funcionários se divertem apostando qual será o próximo velhinho a morrer no bairro carioca, famoso por abrigar um grande número de idosos. Mas, no final, são os apostadores que acabam perdendo a vida, atropelados em frente ao prédio. Diante dos cadáveres, uma das amigas de Alberto repete uma frase sábia: “Para morrer, basta estar vivo. Não era isso que dizia Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*?”.

Não se pode desconsiderar que a experiência social no mundo é muito mais rica e diversa do que querem fazer crer os modelos conhecidos e valorizados pela filosofia ocidental. Sabe-se que, em sociedades como a Antiga China, a sabedoria das pessoas idosas era motivo de prestígio e autoridade. Ouvir o que os mais antigos têm a dizer pode

³ Dados estatísticos estimam que, no Brasil, em 2040, o número de idosos com 80 anos ou mais será de 14,1 milhões, o que significa 6,9% da população total e 24,9% da população idosa. Esse contingente deverá ser formado por 60,3% de mulheres. (CAMARANO, 2011).

render aos mais jovens um ganho existencial profundo. Vem da República do Mali a beleza de um antigo provérbio: “Quando morre um africano idoso, é como se queimasse uma biblioteca” (HAMPÂTÉ BÂ, Amadou).

Não sejamos, portanto, tão previsíveis diante do caráter irreversível do tempo. Há quem se arrisque e reaja de maneira indomável e audaciosa pelo prazer de viver até o último momento, fazendo uma “rebelião consciente através do esforço contínuo” (BOBBIO, 1997, p. 29). Sim, é motivo de desconfiança o verniz colocado para maquiagem a realidade de exclusão e alimentar uma fatia lucrativa do mercado consumidor, através de um conjunto de estratégias que Bosi (1994) chama acertadamente de etiqueta clínica da “terceira idade”. Nessa potente fábrica (turismo, educação, esporte, lazer, moda, saúde, estética e outras variações), gerenciada por agentes sociais e institucionais, sujeitos pertencentes a uma faixa etária marginalizada passam a constituir uma população específica, socialmente construída, classificada e homogeneizada (a da “terceira” ou “melhor” idade). Essa categorização, constituída sob a lógica capitalista, mascara as situações de descaso, a gama de preconceitos e a heterogeneidade conflitante da velhice em suas questões socioculturais e econômicas.

Por outro lado, é inegável que esse público alvo, ao reconhecer na “terceira idade” a dinâmica de uma nova prática social, redefine cultural e psicologicamente o “estar velho”. Há de se considerar as particularidades de gênero nesse perfil. As idosas dos dias atuais vêm de uma juventude na qual o recolhimento ao ambiente privado foi um requisito de boa reputação e modelo de feminilidade. Ideologicamente vinculadas ao espaço tradicional da família heterossexual e monogâmica, nasceram para se dedicar à vida doméstica. Tornaram-se adultas numa época de submissão do corpo, de repressão da sexualidade e dos anseios profissionais.

Mas, agora, rompem com a criação servil e, em muitos casos, com o vazio e a solidão. Ampliam seu universo de socialização, se libertam do controle e da cobrança social de cumprirem a mera função de reprodutoras, reagem aos limites do condicionamento à esfera doméstica, ganham autonomia, deixam de enxergar no marido e nos filhos o sentido único de sua existência e de se submeter apenas ao papel da avó (aquela figura que fica em casa para se dedicar aos netos, sem cuidar da própria individualidade). É um redirecionamento social, uma redescoberta de quem se reinventa

e se arrisca. E que se renova agora com a vacina, abrindo caminhos para que voltem a se sentir revigoradas e possam vivenciar novas experiências.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: as relações com o mundo. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: de senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: continuação de uma tendência. **Revista Coletiva**, Recife, n. 5, jul.-set. 2011. Disponível em <http://coletiva.labjor.unicamp.br/index.php/artigo/envelhecimento-da-populacao-brasileira-continuacao-de-uma-tendencia/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

COPACABANA. Produção de Carla Camurati; Bianca de Felippes; Flávio Chaves. Brasil: 2001. 1 DVD, 90min, color.

DEBERT, Guita Grin. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. *In*: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 49-67.

FRAZÃO, Monique. Olhares sobre a velhice na pandemia. **Revista Radis**, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 21 mai. 2020. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/olhares-sobre-a-velhice-na-pandemia>. Acesso em: 23 out. 2020.

MARQUES, Ana Maria. Velho/idoso: construindo o sujeito da terceira idade. **Esboços**, v. 11, n. 1, p. 65-71, 2004.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe** – Uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de: José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Aleph, 1999.

RITO, Lucia. **Fernanda Montenegro em O exercício da paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução de Cláudia Lopes. São Paulo: Scipione, 1997.